

# SETE CARTAS PARA ALMODÓVAR: OLHARES SOBRE CINEMA, ARTE E CULTURA

Patrícia Custódio

## RESUMO

Este trabalho consiste em um olhar sobre a obra cinematográfica do diretor espanhol Pedro Almodóvar. De forma literária, para este trabalho escolheu-se endereçar sete cartas (e-mails) ao diretor com o intuito de fugir a convenções da produção de um artigo científico, quebrando paradigmas, uma referência e homenagem ao *corpus* da pesquisa. A carta em forma de e-mail remete a coloquialidade da linguagem escrita, o que resultou em maior liberdade de criação textual. Como em uma conversa entre amigos, o artigo (as cartas) aborda a obra de Almodóvar, sua filmografia, sua arte cinematográfica e a cultura contemporânea de maneira geral.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Cinema. Almodóvar. Cartas. Biografia. Cultura.*

## INTRODUÇÃO

Pedro Almodóvar Cabalhero nasceu em 1951, na cidade da Calzade de Calatrava, Espanha. Além de diretor de cinema, Almodóvar já foi ator, músico e, até hoje é considerado um importante ativista espanhol da atualidade. Hoje, Almodóvar é o cineasta espanhol de maior renome mundial depois de Luis Buñel. Sua trajetória no cinema inicia-se em 1973 com um curta metragem em 35mm e, após sete anos, com ajuda e amigos, em 1980 lança seu primeiro longa-metragem: *Pepi, Luci, Bom Y outras chicas del montomn...*, que tampouco foi lançado no Brasil.

A filmografia de Almodóvar vai do cômico ao trágico, do perverso ao belo, do irreal ao surreal. Muitas vezes, criou polêmica por fazer dos seus filmes discurso político-social liberal, já que a Espanha é conhecida tradicionalmente por ser um país marcado pela repressão da igreja Católica, machismo e pela forte tradição patriarcal.

Seus filmes são caracterizados pela presença de cores quentes e fortes, riqueza de detalhes e poluição visual. Além disso, encontra-se a mistura de obras de artes pop com obras clássicas e cultura moderna com tradições familiares. Existe ainda, a presença marcante de personagens femininos e uma quebra da linearidade cinematográfica, pois suas obras enfocam temas com fundo comportamental, como atitudes homo-eróticas e “outsiders”. São filmes nada previsíveis. Vale ressaltar que os personagens vivem, com certa frequência, a incomunicabilidade em sua essência. E por último, que são filmes com estética exageradamente *Kitsch*.

Para elaborar os roteiros, Almodóvar busca inspiração em sua

própria vida. Uma espécie de autobiografia, um espelho da Espanha pela ótica do diretor.

## PRIMEIRA CARTA

De: patriciacustodio@volver.com

Data: 07/11/2007

Para: almodovar@allmodovar.com

Assunto: Hola!

**Caríssimo,**

O número sete aparece duas vezes nesta data... Será um aviso?

Só estou escrevendo porque quero travar com você, em sete dias, um diálogo intenso... (espaço) aliás, um monólogo. Não sei se você vai me responder, mas, pelo menos, quando eu clicar o botão de enviar, sei que se não chegar até você a mensagem foi para o éter, para o universo... e se nestes dias você achar que, de alguma forma, eu fui rude nas palavras, não ligue, não leve em consideração. Perceba que é uma amiga que vai tomar seus olhos emprestados por algum tempo você vai ter que ler os meus e-mails... os lerá sim. Então, esses olhos, tão acostumados a dirigir cenas complicadas, complexas, duras, e picantes, por um tempo serão meus, por um tempo se debruçarão sobre as minhas palavras... então, considere esta primeira carta como uma introdução, um prelúdio de uma longa conversa...

Se eu estivesse aí do seu lado, certamente abriríamos uma garrafa de um bom vinho *Ànima Negra* ou até um *Torres Sangre de Toro*, fumaríamos um cigarro a longas tragadas, e quem sabe você não me falaria dos seus segredos, do seu passado, dos seus projetos...

Todas às vezes que tento vasculhar a sua vida, analisar e entender sua obra tenho a sensação de estar de frente a uma caixa de Pandora. Recuo.

Talvez esse meu monólogo seja um reflexo do seu nos seus filmes e no site. Suas auto-entrevistas, textos, diários de bordo, fotos, sua reflexão para um mundo de pessoas desconhecidas, sem comentários, sem retornos, para o vazio. Desconexão.

Aquelas três fotos que ficam trocando na tela me confundem. Às vezes penso que estou dialogando com outro escritor. Você me lembra muito um

escritor brasileiro chamado Mário Bortolotto. A estética, sua obra, a linguagem, tudo se mescla muito com a de Mário. Talvez vocês sejam do mesmo clube *outsider*, talvez vocês até tomem conhaque juntos um dia, talvez vocês até façam uma fusão de suas bandas.

Talvez Mário seja um pouco mais autêntico ou cruel em seu blog. Não consegui enxergar no site “SU VIDA”, só encontrei ali oito parágrafos de um breve histórico de vida e depois, sua brilhante obra. Procurei por um Almodóvar nu e cru, com emoções, cheio de histórias, exalando frustrações, cheio de vida, com muitos porres, muita autobiografia, extremamente *underground*; mas “SU VIDA” é a sua caixinha de Pandora, “SU VIDA” é a sua filmografia.

### **Até amanhã**

Besos.

### **SEGUNDA CARTA**

De: patriciacustodio@kika.com  
 Data: 08/11/2007  
 Para: almodovar@allmodovar.com  
 Assunto: Silêncio

#### **Consegui!**

Fale com ela... Hable com Ella...Talk to Her...

Com quem quer que seja, em que língua seja... Eu falei!

Pensei que por estar assistindo pela terceira vez “*Fale com ela*” meus olhos e ouvidos fossem agir naturalmente a esta narrativa, me enganei.

Acabei me inquietando durante alguns momentos, me peguei ridiculamente conversando com Lidya, Benigno, Marco, Alicia e com os meus próprios pensamentos e papéis. Talvez eu também tenha falado com ela.

Caffel Muller me leva para um lugar onde não gostaria de voltar muitas vezes. É lá onde encontro o que há de mais obscuro dentro de mim, (:) meus medos, minhas buscas, aflições, meu buraco negro. Acho que é neste exato momento em que você, Almodóvar e Pina Bausch, conseguem expressar o que é verdadeiramente a alma feminina: uma eterna busca pelo desconhecido. Não há regras, não há obstáculos, o que vale é exatamente a experiência de vida de cada um. É o se jogar do mais alto abismo sem olhar para trás, é tentar, é o ir sem direção. Uma busca pelo perfeccionismo, pelo belo, pelo amor. É o lirismo do brincar

de cobra cega na infância sem nenhum pudor ou preconceito. É a mais pura representação da leveza do que é ser mulher.

Para mim, “Fale com Ela” quebra alguns dos parâmetros do que entendemos por ser mulher e homem. É o jogo dos opostos, o homem dependente da mulher e a mulher dependente do homem, a complementação do oposto, dos semelhantes... a submissão.

Você disse em uma entrevista para o jornalista Matthew Ross sobre do que se tratava o filme:

Existem várias razões. Este é um roteiro muito complexo e com tantos elementos que não vêm somente de uma idéia, mas de várias. Neste caso eu quis falar sobre algo doloroso o bastante para fazer um homem chorar.<sup>1</sup>

Não sei se um homem seria capaz de chorar nessa narrativa, talvez um homem que tenha perdido o seu grande amor, ou quem sabe um homem que viva um amor loucamente não correspondido como de Benigno.

Acho que o filme fala sobre a capacidade de sermos o outro, de nos entregarmos ao outro, da dependência e da troca de papéis. Lidya é uma mulher que vive tudo o que, teoricamente, é considerado masculino. Embora sua beleza, seus longos cabelos, os micro vestidos sejam bem femininos, a profissão é tradicionalmente masculina. Sua vida e personalidade são fechadas, ríspidas. Ela vive para sua profissão, e sua vida se concentra na arena. É ali que tudo se resolve. Seu amor, seus touros... é na arena que ela encontra o seu Minotauro.

Diretor de mulheres seja responsável por deixar à beira de um ataque de nervos também os homens.<sup>2</sup>

Talvez você seja capaz de deixar um homem à beira de um ataque de nervos. Benigno que o diga. Para mim, ele é mais uma forte representação do que a sociedade tradicionalista chama de trejeitos da representação do feminino. Não digo isso pelos clichês de seu personagem, mas pelo que nós (...) mulheres e sociedade, entendemos sobre o que mulheres e homens sabem e devem fazer.

Ok, concordo que não fiz nenhuma referência tão explícita a Lidya. Talvez eu esteja sendo um pouco preconceituosa, ou até mesmo feminista demais,

<sup>1</sup> O diretor Pedro Almodóvar em entrevista concedida para o jornalista Matthew Ross na cidade de Nova York publicada no site Zeta Filmes: Disponível em <http://www.zetafilmes.com.br/interview/pedroalmodovar.asp?pag=pedroalmodovar>. Acessado em: 08/11/2007).

<sup>2</sup> Andréa Bezerra de Mello- A presença feminina no cinema de Almodóvar/ Ibidem. p.235. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332004000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200014) >. Acessado em 08/11/2007

porém, para nós mulheres, é muito mais fácil entender uma mulher que seja toureira, que um homem que assuma saber ser manicure, maquiador, cabeleireiro e que não seja necessariamente gay. Estou sendo demasiadamente “pré-conceituosa”!

O que me cutuca, na verdade, é a inversão do jogo. Em primeiro plano existe um universo totalmente coeso e normal, cada qual cuidando da sua vida, não dependendo uns dos outros. Enfim, cada um com os seus problemas. A loucura, solidão, mediocridade, o passado e a vida perfeita, em questão de minutos tudo muda e os opostos são complementares e dependentes. O mundo é tão estúpido que acabamos pensando que o normal é ser cada um na sua, quando o normal não é assim. Meu Deus! Estou me contradizendo repetitivamente! Essa loucura moderna, esses pensamentos confusos sobre relacionamentos me faz pensar que esse filme me leva a uma outra questão a qual não quero entrar... fuja!

O fato de duas mulheres estarem em coma e ficarem dependendo dos homens, demonstra nada mais, que a fragilidade feminina. Toda mulher, desde os primórdios, foi “feita” para ficar em casa cuidando do marido e dos filhos e não para se aventurar no mundo dos homens.

“Do masculino emerge o feminino” (cena da personagem Katerina Bilova)

Talvez por essa razão, a mulher, de alguma maneira, ainda dependa do homem e se configura em um grande mistério para eles. Daí o fetiche em conhecer a fundo a mulher.

Naquela cena do filme mudo "*O Amante Minguante*", em que o homem penetra “a grande vagina” que se passa dentro do seu filme, aquela em que o homem penetra “a grande vagina” da mulher, vejo a simbologia da dependência da mulher pelo prazer do homem e a eterna curiosidade do homem em saber o que acontece, verdadeiramente, por dentro de uma mulher.

Lembro-me da primeira vez que vi esta cena... tive uma crise de risos pensando: se um homem conhecesse uma mulher tão profundamente assim, o que aconteceria? Acho que essa mulher seria sexualmente realizada, e ele realmente entenderia o que uma mulher quer e precisa.

Fico imaginando o que o levou a construir esse objeto masculino de desejo? Até pensei: por que não poderia ser um homem gigante com uma mulher o abusando e o conhecendo? Mas logo veio a óbvia resposta: porque a mulher não teria por onde entrar, e isso tampouco é um objeto de desejo feminino. Não sonhamos com bonecos infláveis.

Essa relação de complementação e dependência é inquietante no filme.

A dualidade está presente nas cores que prevalecem durante toda em toda a película. Você sempre foi lembrando pelo uso e abuso de cores, e, em “Fale com Ela”, você trabalhou com duas cores principais, o azul e o vermelho, que justamente são cores opostas e complementares, como o feminino e o masculino. O vermelho remete à paixão, impulsão, à indecência, à mulher”. Já o azul lembra a frieza, o domínio profundo e a falta de habilidade, “o homem”. É como diziam as mães quando éramos crianças: “cores de meninos e cores de meninas”.

Mas o que é de menino e o que é de menina?

Durante o filme, Alicia não tem uma cor específica, será que por estar em coma ela não existe? Pensando melhor, Lidya também perde sua cor ao entrar em coma.

O que eu gosto de uma mulher em coma é que ela própria está na história, ela está viva, e apesar do que os médicos falam o corpo delas continua querendo viver. Mas isso mexe comigo porque nós não sabemos onde esta pessoa vive, alguém em coma está num certo lugar da vida que me é muito dramático.<sup>3</sup>

Então onde foram parar as cores almodovarianas? Onde foi para essa história?

Esse quadrado criado no filme talvez seja um pouco previsível demais.

Benigno - Alice

Marco - Lidya

Benigno - Lidya = mortos

Marco - Alice = nova história de amor

Mas essa previsibilidade é necessária para entender que sempre precisa restar um, já que os opostos se atraem e se complementam e que dois corpos podem formar um único corpo.

Existe um conceito do corpo e do sangue de Jesus se unindo, quando existem duas substâncias diferentes se tornando uma, e isso é o que acontece - eles se identificam um com o outro e ficam juntos”.

(O diretor Pedro Almodóvar em entrevista concedida para o jornalista Matthew Ross na cidade de Nova York publicada no site Zeta Filmes:

<sup>3</sup> O diretor Pedro Almodóvar em entrevista concedida para o jornalista Matthew Ross na cidade de Nova York publicada no site Zeta Filmes: Disponível em <http://www.zetafilmes.com.br/interview/pedroalmodovar.asp?pag=pedroalmodovar>. Acessado em: 08/11/2007).

<http://www.zetafilmes.com.br/interview/pedroalmodovar.asp?pag=pedroalmodovar> acessado em 08/11/2007)

Enfim... Desculpe esse meu linguajar, mas vejo no filme, além da história de amor, uma história da capacidade de entrega ainda que hoje em dia não exista entrega, não exista doação. Ninguém depende de ninguém, somos seres humanos tão teoricamente “evoluídos” e descrentes que somos incapazes de aceitarmos quem ou o que está ao nosso lado.

Hoje as mulheres são independentes, os homens são mais solitários sensíveis, ninguém é mais de ninguém. Hoje as pessoas estão cada dia mais loucas, mais obsessivas, mais minotauras. Mulheres virando homens, homens virando mulheres.

*A vida só se dá para quem se deu.*

*Vinícius de Moraes*

**Ate amanhã, besos!**

### **TERCEIRA CARTA**

De: patriciacustodio@awomanunderinfluence.com

Data: 09/11/2007

Para: almodovar@allmodovar.com

Assunto: M em nossa vida

**Buenas!** Estás bien, mi querido? (não me leve a mal, estou meio atacada hoje, curiosa até as raízes dos cabelos e com um humor tão ácido que nem minhas cachorras agüentaram... enquanto elas dormem em baixo da cama, eu penso em você)

Primeiro: QUESTÕES (tentarei ser direta)

1. Queria saber: qual é o seu objetivo como cineasta?
2. Em algum momento pensa que de alguma forma possa influenciar ou entrar na vida do seu público?
3. Será que toda a sua obra é apenas uma autobiografia ou você é do tipo manipulador da massa? Daquele tipo descrente, que invade com suas cores fortes, com música bem elaborada, com arte moderna, linguajar de rua, seus *outsiders* cotidianos, um universo que ou você repudia ou ama fervorosamente.

Não, não pense que estou aborrecida ou magoada, ou puta da cara, nada disso. Pelo contrário, é que ando lendo sobre você, assistindo seus filmes e eles são apenas um reflexo de coisas tão óbvias... São sempre histórias que você já viu, já viveu, como se tudo fosse uma espécie de relato, um diário de sua vida, de suas experiências, de seu do percurso. Por favor, não me ache uma psicopata destas que, na próxima carta, irá escrever qual é o seu sonho de consumo, opção sexual, nome de seus pais, qual será sua próxima viagem, o próximo longa, seu carro, onde mora, o número do seu telefone, seus hábitos e etc.

Áh! Antes que eu me esqueça... (já que não consegui ser direta...)

Segundo: (aff, perdôe-me) CURIOSIDADE.

1. O que é que você almoçou hoje? (Esquece, essa você pode pular!)

Voltando... Como já havia te dito, o que pretendo aqui é emprestar esse Almodóvar para poder olhar um universo que estou desvendando (mesmo sendo meu).

Ontem estive pensando nas mulheres de Almodóvar e acabei me lembrando como eram as minhas referências de mulher.

Quando pequena, meu pai me contava histórias de grandes mulheres (sempre tive um grande fascínio pelo poder das mulheres). Contava o que uma mulher é capaz de fazer, que ela pode elevar ou destruir um homem, que ela pode comandar ou destruir uma nação. Lembro-me de uma das primeiras histórias de que ouvi, ele me contava sobre a história de “Cleópatra The Felopatra” (Cleópatra, Deusa amada pelo seu pai, assim como eu), ele dizia que ela foi capaz de ser amante, mulher, comandar um país e ainda foi responsável pela queda de um imperador (Leia com atenção: I-M-P-E-R-A-D-O-R. E isso tudo sem usar Pond’s, Renew e muito antes da ascensão do Santo Botox!). Mais tarde ele me contou sobre as deusas da mitologia e suas Heras e suas Afrodites, meus olhos brilhavam quando ele contava a história da deusa Atenas e da divindade Medusa que brigaram por beleza.

E assim fui crescendo, ouvindo histórias de guerreiras, deusas, Joanas d’Arc, Rainhas da Inglaterra etc.

Depois conheci o cinema e me apaixonei pela imagem das grandes divas, fecho os olhos e consigo ver Bette Davis, Aundrey Hepburn, Greta Garbo, Marilyn Monroe, Marlene Dietrich, Sophia Loren, Ava Garden, Carmen Miranda, Elizabeth Taylor... Mulheres que são sinônimos da beleza, da ostentação, do

glamour, da arte... mulheres que atuam (exercem ação ou atividade; têm influência; influenciam, influem; que produzem efeito ou que desempenham um papel como ator/atriz, representam, atuantes... na vida e na arte). Mulheres que atuaram em mim, que produziram em mim esses pensamentos.

Estou te dizendo isso porque essas mulheres sempre fizeram os meus olhos brilharem, sempre me imaginei vivendo neste mundo (onírico), no mundo das artes, do cinema, do teatro, me imaginava sendo essas personagens quando criança. Me imaginava “atuando” como mulher-mito-deusa. Por isso acho que me identifico com você quando você diz que você fez um filme para as mulheres que sabem representar, atuar. (mulher em suas facetas).

Segundo: (novamente) CURIOSIDADE.

2. Perfumes cítricos, almiscarados ou doces? (essa eu preciso de resposta, um dia você vai entender).

Pensava que já havia conhecido todas as minhas divas, pensava e me conformava que a única que consegui chegar perto era a minha mãe, mas você me passa uma rasteira porque eu ainda não sabia “Tudo sobre minha mãe”.

Além de ser uma história sobre a capacidade de doar, de receber, de perdoar, de amar, o que é impecável no filme é a maneira como você mostra o que é ser mulher, o que é o “ser mulher” (esse ser tão simples e complicado nos seus detalhes).

No monólogo de Agrado, personagem travesti, você sintetiza naquele discurso um desejo feminino muito particular. Aliás, Agrado é uma forte representação do que entendemos por mulher no seu sentido mais absoluto, para mim ela é um clichê do clichê.

Você diz no seu site oficial que o monólogo de Agrado baseia-se na palavra, você fala da diferença da palavra no teatro e no cinema. A palavra no teatro é mais forte pois ali não existe ninguém, que não seja o outro personagem, que a interrompa, ela é a verdade absoluta. Já no cinema essa verdade equivale ao primeiro plano onde o ator irá demonstrar suas verdades não apenas nas palavras, mas nas suas expressões.

De fato Agrado não é diferente do teatro, ela é verdadeira em seu discurso, em sua caracterização, em seu existir como personagem/ser, ela existe no primeiro plano como ferramenta de intensificação do seu discurso, uma maneira de fazermos acreditar na sua autenticidade. Isso, esse gesto de Agrado no teatro, torna a palavra possível, plausível mesmo se subtrairmos o primeiro plano, no cinema.

Agrado representa para mim a mais pura essência da representação do feminino, ela é a concretização do homem e da mulher em um só corpo, é como se eu estivesse no Louvre observando por horas a beleza da obra “Hermaphodite Endormi” de um anônimo do século II, e de repente em questões de segundos você me transporta, “a” transporta e “a” materializa para o século XXI. Simplesmente inacreditável. Quando Agrado diz:

Chamo-me Agrado porque, a vida inteira só pretendi tornar a vida dos outros mais agradável. Além de ser agradável, sou muito autêntica. Sai muito caro ser autêntica. E, nestas coisas, não se deve ser avarenta. Porque nós ficamos mais autênticas quanto mais nós parecemos com o que sonhamos que somos .<sup>4</sup>

Agrado não é autêntica por si só como transformista, ela representa a busca feminina pela beleza, pelo corpo perfeito, pela boca *à la Jolie*, pelos seios grandes siliconados, pela cinturinha pequena, pelos cabelos *à la Bunchüen*; quando diz que custa caro ser autêntica me vem a imagem patética das minhas vizinhas dizendo que querem fazer botox, porém não querem ficar com cara de Barbie e muito menos querem perder a autenticidade de sua beleza natural, o importante é manter a naturalidade mesmo que os meios sejam artificiais (até o pepino nos olhos se torna artificial uma vez que seu papel é integrando a salada ou no melhor dos casos, compondo o gaspacho).

Bizarro não! Por que não assumem suas rugas, seus cabelos morenos, encaracolados, sua beleza real? Por que não saem pela rua gritando: eu sou o que sou! Autenticidade? Só em raros e raríssimos casos já que uma mulher sempre se arruma para outra mulher (pelos homens elas se despem).

“Tudo sobre minha mãe” para alguns pode ser uma história tão caótica, tão absurda... mas, para mim, ela é tão possível, tão linda em sua entrega que não me admira que ela seja uma homenagem àquelas que sabem representar (me incluo).

Minha idéia principal foi fazer um filme sobre a capacidade de atuar de determinadas pessoas que não são atores. De pequeno eu me lembro de ter visto esta qualidade nas mulheres da minha família. Fingiam serem más e melhores que os homens. A base de mentiras conseguiam entrar mais de uma tragédia.<sup>5</sup>

4 Trecho do monólogo de Agrado no filme “Fale com Ela”.

5 Disponível no site oficial do cineasta Pedro Almodóvar<

Acho que o filme pode falar sobre a capacidade que as mulheres têm sim de atuar, mas também sobre a capacidade que elas têm de se doar em sua essência.

Você trabalha neste filme com o limite feminino, se você se limitar a essa afirmação ou a explorar esse sentido, poderia até te considerar um machista, porém acredito que não se trate disso. Acho que sua sensibilidade é capaz de enxergar a mentira, o passado e a mulher de uma outra maneira. Neste filme você trabalha com o limite da mulher, com o que mais a apavora e a enobrece.

Alguns ditos populares dizem que a dor do parto se assemelha a dor da morte, e que a mulher que passar por ele está preparada para os prazeres e para as angústias da vida. Não sei se neste filme você gosta de brincar com essa crendice, mas você é capaz de elevar ou derrubar uma mulher com um único sopro, elas são como marionetes nesse jogo.

Manuela, a protagonista, vive o céu e o inferno em terra. Seu carma é o seu Estebán. Sua trajetória se constrói em seus túneis que a levam a Barcelona e a trazem a Madri e assim vice e versa.

Como pode uma mulher entender ou aceitar ser trocada por um homem? Ou melhor, não existe troca, então... Como pode uma mulher compreender do dia para noite que ela se casou com outra mulher?

“Nós mulheres fazemos de tudo para não ficarmos sozinhas... Nós somos idiotas. E um pouco lésbicas também” (fala de Manuela)

Para a sociedade prevalece os chavões: homens são homens e mulheres são mulheres. O nosso individualismo só permite que o outro troque desde que ele não interfira diretamente em nossas vidas.

“Como pode ser machista com um par de tetas” (fala de Manuela)

Manuela simboliza o que entendo por uma elevação do espírito. Uma representação de Maria Madalena moderna, capaz de doar partes do seu filho (o segundo Estebán) e receber de volta um novo Estebán e que por mais que

tentasse fugir de seu passado seria ele o seu maior destino. Uma mulher que se liberta de um mundo e consegue entregar, nem que seja por uma única vez, seu terceiro Estebán àquele que já foi seu marido e também pai de seu filho (quando primeiro Estebán) e que hoje é seu espelho físico e pai de seu novo Estebán. Manuela é uma mãe capaz de superar qualquer representação, qualquer dor, qualquer tragédia, é simplesmente mãe-mulher, como a minha mãe e a sua mãe. (esse ser tão simples e complicado nos seus detalhes).

“A Bette Davis, a Gina Rowlands, Romy Schneider, a todas as atrizes que interpretaram atrizes... aos homens que atuam e se tornam mulheres, a todas as pessoas que querem ser mães. À minha mãe” (Dedicatória de Almodóvar no final de *Tudo sobre minha mãe*)

E eu que achei que já sabia *“tudo sobre a minha mãe”... Há de tudo um pouco nas lágrimas das mulheres.*

*Henry François Becque*

**Besos** calientes.

*P.S.: Lembre-se que além de tudo ainda quero saber sobre o perfume.*

## **QUARTA CARTA**

De: patriciacustodio@mamushka.com

Data: 10/11/2007

Para: almodovar@allmodovar.com

Assunto: Pero que si, pero que no

**Amado,**

¿Hola, que tal?

Antes de tudo concordo com você em relação às fragrâncias frutais.

Mas se eu tivesse apostado teria perdido... os doces não teriam mais sentido na sua Espanha, quente, sexy?

O que é essa Espanha que você me mostra em seus filmes?

Sempre imaginei uma Espanha mais tradicional, conservadora, a velha Espanha da

Paella, das danças flamencas, touradas, holas! Conhecia uma Espanha de Gaudí, de Garcia Lorca, Diego Velázquez, Adolfo Bécquer, Miguel de Cervantes, Francisco de Goya, achei tudo muito colorido, lindo e *muy rico* quando conheci Joan Miró, e sempre me paralisava com o perfeccionismo e a dimensionalidade das obras de Pablo Picasso e Salvador Dali. Por fim, veio a Espanha e o surrealismo de Luis Buñel.

Agora cheguei à sua Espanha, esta que chama de Espanha-Brasil, rica na cultura e devassa em sua realidade. A sua Espanha é mais carnal, com beleza mais poluída, *caliente*, real, palpável...

Talvez por ela ser demasiadamente real nos seus filmes, a impressão que me passa é de ser uma realidade exagerada, mais ainda do que possa realmente ser. É como se entendêssemos que em Madri, Barcelona - ou em qualquer outro *pueblo espanhol* - a sociedade fosse exageradamente colorida, exageradamente *fake*, caótica, etc. Ou seja, brega!

Péra aí! Brega? Como assim brega? Eu não acho que ela seja brega, pelo contrário, o que entendo por brega é uma coisa tão pessoal que jamais julgaria brega algo que não conheço. E a intenção? Se ela existe o termo se perde. A ótica faz o brega e faz o contemporâneo. O brega que alguns vêem eu não vejo. Aqui, um altar santo, com velas multicoloridas e adornado por flores de plástico velhas, fora de um contexto religioso dentro de uma casa comum, pode ser considerado brega, mas em seus filmes, Almodóvar, esses objetos tornam-se poesia, encanto. Se alguns virem um relicário de aparência altamente poluída à venda em um leilão de arte, ele se torna um objeto de decoração *très chic*. Então, se o mesmo relicário for visto fora do contexto (como nos seus filmes) ele passa a ser brega... é possível? Ressalto aqui que, pra mim, em nenhum dos casos, o relicário é “estranho”.

Esses pensamentos são muitos comuns nesse “mundo tão globalizado” que, neste ponto de vista, de globalizado não têm nada. Como um crítico, um “pseudo”, um desconhecido julga ser brega uma coisa, cultura ou arte, se nem ao menos conhece a realidade dela? Se ele fosse tão globalizado assim, ou iria buscar informações no *Google*, ou iria estudar. Na real, iria entender um pouco mais a arte, a cultura e os costumes de um povo para depois, somente depois de entender do que está falando, meter o bedelho.

Para contextualizar, aqui vai:

Pensem!

- a. Brega: 1. que ou quem não tem finura de maneiras; cafona. 2. de mau gosto, sem refinamento, segundo o ponto de vista de quem julga; kitsch (adj.) 3. de qualidade reles, inferior.<sup>6</sup>
- b. Brega: Marcondes Falcão Maia (Pereiro, Ceará; 16 de setembro de 1957), também conhecido como Falcão, é um cantor e compositor brasileiro. Considerado o maior ícone do estilo brega brasileiro, Falcão é considerado, além de brilhante músico e compositor, um "Sex Symbol" nacional, capaz de levar as mulheres ao delírio. Resumindo: Ser brega depende do ponto de vista, mas agrada a maioria e mescla repulsa com desejo!<sup>7</sup>

Almodóvar, me diz uma coisa, tu é brega?

Agora fiquei confusa... talvez a minha visão do brega seja pejorativa. Ser brega assumido é lindo! E ser brega assumido nos tira do patamar de brega e nos torna arte. Se o lixo pode se tornar luxo, se o peso de uma palavra pode ofender, isso depende do ponto de vista, mas um ponto é fato: o brega representa o real, natural. O *clean* é modificado, anormal, com medo de ousar.

Nos seus filmes você retrata o mundo como ele é. Sujo, imoral, excessivo, mas altamente real. As palavras, que ofendem os ouvidos hipocritamente sensíveis, funcionam como um reflexo da sociedade que você traz à tona. A sociedade sem medo de ousar, na verdade, aquela sociedade que nem pensa se ousa ou se deixa de ousar. O fato é que a sua realidade é tão real quanto a minha... Nua, crua, sensível e diversificada.

Por exemplo, hoje em dia a moda aqui no Brasil são os filmes que retratam a cultura social de nosso país, ou seja, a nossa podridão, o que há de mais feio, sujo, imoral, preconceituoso e marginal. Todavia, essa é a nossa realidade, não temos como fugir dela. Isso dá ibope, mídia e visibilidade no mercado internacional? É óbvio que sim, mas, se visto de uma maneira mais amena e social, por que não devemos mostrar a realidade tão nua e crua assim? Só por que somos o eterno país do samba e futebol?

Não estou querendo te dizer que seu cinema é imoral ou te comparar ao Brasil. Tampouco insinuar que você o faz pelo mais puro marketing internacional. Pelo contrário, acho que os que dizem que seus filmes são bregas ou *underground* o fazem por uma simples questão pessoal: o gosto. Os americanos chamam isso de "linguagem cinematográfica"... se usada propositalmente, não comete erro ou problema algum.

<sup>6</sup> Disponível em < <http://michaelis1.locaweb.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=brega>>. Acessado em 10/11/2007

<sup>7</sup> Wikipédia Disponível em < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Falc%C3%A3o\\_\(m%C3%BAsico\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Falc%C3%A3o_(m%C3%BAsico))>. Acessado em

Deixa eu te explicar porque eu estou falando tudo isso: Em todas as referências que li, sites, artigos e com as pessoas que converso, sempre encontro um ponto em comum: que você é brega (ou *kitsch*, como eles falam).

Pensemos: Brega é falar brega, chique é falar kitsch, de acordo com os teóricos (me desculpe se hoje estou meio radical, mas acordei meio dois e dois são quatro mesmo, tá?).

c. Kitsch: termo de origem alemã (*verkitschen*) que é usado para categorizar objetos de valor estético distorcidos e/ou exagerados, que são considerados inferiores à sua cópia existente. São freqüentemente associados à predileção do gosto mediano e pela pretensão de, fazendo uso de estereótipos e chavões que não são autênticos, tomar para si valores de uma tradição cultural privilegiada. Eventualmente objetos considerados kitsch são também apelidados de brega no Brasil<sup>8</sup>.

Primeiro lugar: Um termo que vem do alemão não pode ser brega. E, se não pode ser brega, também não é kitsch.

d. Kitsch/brega: 1. que se caracteriza pelo exagero sentimentalista, melodramático ou sensacionalista, freqüentemente com a predileção do gosto mediano ou majoritário, e pela pretensão de, fazendo uso de estereótipos e chavões inautênticos, encarnam valores da tradição cultural (diz-se de objeto ou manifestação de teor artístico ou estético). 2. estilo artístico, tendência estética que apresenta estas características.<sup>9</sup>

Então, filosofemos: Como você pode ser considerado kitsch/brega/inautêntico? Você consegue, com maestria, mesclar a arte sacra ao lado de um relógio-cuco sem que isso se torne inapropriado. Isso é ser autêntico. Retratar o natural sem pinceladas *cleans*. Sem modificar nem deturpar essa realidade. E acho que, o que atrapalha a visão desses teóricos (e/ou pseudo-teóricos), é o ponto crucial do que estou discutindo, o termo kitsch/brega não pode ser considerado pejorativo se ele representa uma realidade autêntica. Talvez deveríamos cunhar um novo termo. A mistura do belo com o marginal é o mais puro retrato da realidade. Uma prostituta exageradamente trajada ao lado do templo da Sagrada Família é tão real quanto as paredes ricamente forradas de papel e retratos de família ao lado de um gato preto de porcelana.

Segundo: Se o kitsch é uma cópia inferior de algo que existe e você retrata nos filmes a sua visão de uma Espanha real, ao acesso de todos, falar que

10/11/2007

<sup>8</sup> Wikipédia Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kitsch>. Acessado em: 10/11/2007

<sup>9</sup> Wikipédia Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kitsch>. Acessado em: 10/11/2007

você é brega ou *kitsch* é altamente redundante.

Agora, se essas pessoas entendem por *kitsch* o simples fato de recopiar coisas que já existem, tipo, coisas óbvias, como no cenário de “Tudo sobre minha mãe”, onde você pode utilizar e fazer referência a um quadro do Goya? Ah... minha gente, vamos pôr essa cachola para funcionar!

Em seu diário, o cineasta detalha a filmagem de uma longa seqüência, quase um monólogo, interpretado por Carmen Maura - a mãe fictícia de Penélope Cruz -, no qual a atriz explica a sua filha as razões de sua morte e as de sua ressurreição. A seqüência é, segundo Almodóvar, uma das razões “pelas quais queria filmar *Volver*.” Chorei todas as vezes que corrigi o texto. Eu me sinto como Kathleen Turner em *Tudo Por Uma Esmeralda*, uma ridícula escritora de novelas kitsch, que chorava enquanto as escrevia “conta o diretor, que levou uma noite inteira filmando a seqüência.”<sup>10</sup>

Tenho certeza que você entende o que é ser *kitsch* e que meu discurso não é de defesa pelo seu cinema não *kitsch*. Acho que você realmente seja um cineasta *kitsch*, mas acho que você o é porque tem intenção de ser. Tudo está muito bem organizado e programado para estar ali. Tudo faz um sentido absurdo, as cores, os objetos, as referências, obras, artes, interferências, tudo ali tem uma representação, é uma representação, está composto e interligado à sua obra.

Fodam-se os teóricos, os críticos e os pseudo-blábláblás da vida que nem sabem porque precisam estar ali.

Ser *kitsch* muito bem intencionado só demonstra o total controle de toda a situação. Ui! Arrasou!

*Quando eu te encarei  
Frente a frente  
Não vi o meu rosto  
Chamei de mau gosto o que vi  
De mau gosto, mau gosto  
É que Narciso acha feio  
O que não é espelhoz  
Caetano Veloso*

<sup>10</sup> Site Lutosana.net. Disponível em: <http://www.lustosa.net/noticias/16157.php>. Acessado em: 08/11/2007

**Te quiero mucho,**  
Besos

## QUINTA CARTA

De: patriciacustodio@abeiradeumataquedeversos.com

Data: 11/11/2007

Para: almodovar@allmodovar.com

Assunto: Muito má educada!

Um dia à base de chocolate. Foi assim que fiquei depois de assistir “La Mala Educacion”. Eu tenho essa necessidade de ver, rever, ler, ouvir e assistir as mesmas coisas várias vezes. Uma porque minha memória é extremamente seletiva e outra porque tudo o que é passado em minha vida, é passado e apagado da minha mente. É como se meu cérebro entendesse que não exista razão para armazenar nada que já aconteceu, o que já se foi, minha psicóloga diz que isso é fuga e eu, de uma certa maneira, concordo com ela. Fuga porque o passado revela muito sobre nós mesmos, ele guarda lembranças e sentimentos bons e outros que preferimos que fiquem por lá, porque é ali que se encontra tudo o que procuramos para nós, é ele quem devemos controlar e não o contrário.

O grande teórico da memória emotiva, Stanislavski, não concordaria comigo, e tampouco seria um diretor realizado ao lado de uma atriz que não lida com suas memórias... enfim, por isso, neste momento eu esteja mais propensa para um lado mais radical, sofredor e realista de Bertolt Brecht mesmo.

Bem... além de me sentir uma barra de chocolate, este filme é, para mim, a preeminência do que chamo de um Almodóvar escancarado em sua linguagem e magnífico em sua essência. Um Almodóvar nu e cru.

No site do filme encontrei uma declaração sua sobre esse filme. Lá você diz que ele é sua autobiografia e que esses personagens foram inspirados na sua infância, na sua adolescência e na sociedade de seu país.

*P- En sus primeras declaraciones negó que la película fuera autobiográfica.  
R- Todo lo que no es autobiografía es plagio, dice Paco Umbral. La película es autobiográfica pero en un sentido más hondo, yo estoy detrás de los personajes, pero no cuento mi vida.*

*P- Vd. fue también el solista del coro, en su colegio.*

*R- Sí. Y cantaba todo el tiempo, misas en latín, motetes, etc. Cantaba en todos los actos religiosos y en las fiestas. Y supongo que no lo hacía mal. Los curas me grabaron algunas canciones y las ponían en la puerta de la iglesia para atraer a los fieles. Y recuerdo que llenábamos la iglesia. Daría*

*cualquier cosa por recuperar aquellas cintas, pero no creo que existan. Lo que más disfruté en mi época de colegial fueron las ceremonias religiosas. Soy agnóstico, pero considero la liturgia católica de una riqueza deslumbrante, a mí me fascina y me emociona. Pero hace mucho tiempo que no voy a misa, no sé cómo es ahora.*

*P- ¿Existe el P. Manolo?*

*R- Sí, como personaje.*

*P- ¿Pero existió en realidad?*

*R- Tal cual aparece en la película no, aunque para algunas escenas me inspiré en dos curas del colegio.*

*P- ¿Para qué escenas en concreto?*

*R- Los acosos en el río y en la sacristía”*

Na segunda resposta você diz ser agnóstico, porém se ser agnóstico é acreditar na incapacidade humana de entender o que é absoluto. Ora, porque você brinca então com a capacidade de acreditar no absoluto pregado pela igreja católica. Se somos incapazes de entender, por que isso está tão enraizado em sua obra? O que seria absoluto para você?

Estava lendo sua história de vida no site pessoal e lá encontrei a seguinte declaração:

*“Allí estudia el Bachillerato Elemental y Superior, con los padres Salesianos y Franciscanos, despectivamente. Su mala educación religiosa sólo le enseñó a perder la fe en Dios. Por esa época, en Cáceres, comienza a ir al cine, compulsivamente”<sup>11</sup>*

Ou seja, sua má educação religiosa é dedicada aos padres de sua vida.

Mas o que me levou a escrever mais este e-mail para você não foi apenas o fato de você questionar a sua má educação, mas sim, a PAIXÃO.

Não me interessa mais saber o que todos já sabem, acho que você já foi demasiadamente questionado, sobre seus padres, seus amores, o que levou a escrever o filme, sua vida, essa relação entre sua história e o filme e todas as relações que existam entre vocês. Seu começo como ator em grupo amador, a primeira Super-8, as tradições familiares, os estudos e blá blá e blá...

O que me interessa hoje é dialogar com você sobre pequenos elementos que fazem do filme uma instigante história de loucura e paixão. São impressões muito particulares e, se em algum momento estas impressões te

11 Auto entrevista de Almodóvar no site do filme “La mala educación”. Disponível em <http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/malaeducacion/autoentrevista.htm>. Acessado em 11/11/2007

12 Site de Almodóvar. Disponível em:

< <http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/esp/cronologia.htm>>. Acessado em: 09/11/2007.

ofenderem, saiba que jamais foi minha intenção. (Só para constar, hoje me encontro com um humor devasso, maldoso, incrédulo, porém, nem um pouco sarcástico).

Vamos começar das mais óbvias.

Antes que me esqueça: Você também já pensou em ter um nome artístico?

1- Cores:

É ali no prólogo do filme que você já me faz dar um suspiro mais forte. Já sabia o que me esperaria pela frente logo na apresentação dos atores. Preto X vermelho são cores que jamais se complementariam, mas que são essenciais na vida de qualquer ser humano. Vida e morte se misturam e jogam com os seus adjetivos, sinônimos e antônimos. Você começa ali já brincando com tudo o que elas possam representar, coisas sagradas para a igreja, a morte e o sangue purificador de Cristo e coisas temidas pelo homem, o sangue que leva a morte. (Uhhhh.... Zé do Caixão que o diga!)

Eu morro de medo da morte. Não sei lidar com esse sentimento, com essa situação. Não sei se me vingaria por algum tipo de morte, como Juan o fez, mas talvez me sentiria tentada a buscar algo que me satisfizesse.

Curiosidades 01: Qual é sua cor predileta?

*“Negras son las sotanas de los curas, negras las noches del dormitorio común de los alumnos, negros los destinos de los personajes y “noir” el género al que pertenece la historia que se cuenta en LME. Negro, en francés, para hacer justicia al país que rescató el género, definió sus señas de identidad, y estimuló su desarrollo como género mayor”.*<sup>13</sup>

2- Travestis, gays e afins.

Em todos os seu filmes uma coisa me chama muita atenção, a sinceridade de alguns personagens. Você sempre coloca os seus personagens *undergrounds* muito sinceros e impulsivos. É tipo um toma-lá-da-cá, um bateu-levou, entende? Quando Zahra/Juan está conversando com um travesti, ele quer um favor e ela o pergunta: “O que ganho em troca? Como você vai me pagar?” E ele responde que precisa aprender a fazer isto. Isso é incrível. Talvez isso seja uma característica dos travestis. Todavia, o que acho interessante neles é que são capazes de dizer tudo o que o ser humano tem vontade de dizer.

---

13 Auto-entrevista de Pedro Almodóva no site de “Má educação”. Disponível em: [http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/malaeducacion/comentarios\\_fundido.ht](http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/malaeducacion/comentarios_fundido.ht) mr. Acessado em: 11/11/25007

Tirando a Madre Tereza de Calcutá, todos nós não gostamos de fazer favor, alto lá! Sempre vai ter um (a) engraçadinho que diga: “Ai... gente! Eu faço porque tenho um coração bom, ou porque sou uma pessoa que gosta de ajudar, com muita consciência social, cara!”. Hipocrisia! Podemos fazer porque queremos e não porque gostamos. Todos nós damos algo porque esperamos algo de volta. (É dando que se recebe?!). Todos fazemos favores porque sabemos que um dia precisaremos de favores, só que não somos capazes de cobrar e tampouco falar, mas isso está implícito, está em nossa pele. Esse desejo de sempre ter algo em troca, de poder brincar com os outros, manipular e até usar da “bondade” alheia. Somos incrédulos nos valores das pessoas, somos egoístas e ao mesmo tempo necessitamos uns dos outros.

“Pelo menos para mim, é mais fácil ser sincero no meu trabalho do que na vida real” (Almodóvar)<sup>14</sup>

#### Curiosidade 02: Quanto custa sua sinceridade?

##### 3 - Aos Crocodilos

Deve ser por isso que a citação aos “crocodilos famintos” representa não só o que o personagem do Gael é, mas penso que é a máxima da trama e do ser humano. Os crocodilos que somos. Essa necessidade de vingança e justiça, a vontade que temos de jogar aos crocodilos tudo o que pesa e o que assusta. A mulher que se deixa devorar, sem abrir a boca, é a mulher que se sente cúmplice deles.

Essas citações de vingança e ódio estão presentes para deixar mais tenso... chego aqui ao meu segundo suspiro profundo. Até onde ou qual é o limite que você quer chegar?

Curiosidade 03: quem são os seus crocodilos? Por que eles podem te devorar?

##### 4- Inversão dos papéis.

Você me fez ver, pela primeira vez, a inversão dos papéis entre homens e mulheres. A cena em que Zahra está transando com Enrique é, simplesmente, irreal. Primeiro, porque por mais que um homem esteja bêbado ele nunca nega fogo. Segundo, porque um homem dormir durante sexo torna-o uma mulher. É nesta cena em que penso. Meu Deus! Até onde esse homem consegue ir?

<sup>14</sup> Entrevista concedida ao jornalista Fernanda Scalzo em outubro de 1995. Disponível em:

Será que ele é tão abusado e absurdo assim que só eu ainda não tinha compreendido?

Não, não me venha dizer que eu esteja sendo feminista ou preconceituosa novamente, é que você quebra todas as regras do jogo real, por mais que seu cinema seja real e possível é engraçado conhecer a fragilidade, se fosse um homem brochar, ou não chegar até o final, vai lá... mas, pensando melhor, essa cena está na minha cabeça como uma relação homem - mulher, quando na verdade é uma relação homem - homem e, nesta relação eu já não sei quais são os clichês, os chavões e as possíveis rotinas. É, acho que me adiantei na impressão, mas é que para mim, Zahra já era uma mulher.

“A sociedade põe minha liberdade acima de sua hipocrisia” (fala de Ignácio em *Má Educação*)

Ah, por favor, não me venha com esse discurso! Se em 1977 Ignácio achava que ele já poderia desfrutar da liberdade e que a hipocrisia já era um fato quase digerível, imagine hoje o que ele não pensaria. A hipocrisia, por mais absurda que seja, ainda é mantenedora desta essa sociedade camuflada, cheia de regras e de bom convívio, etc. É essa hipocrisia que faz com que as pessoas se isolem em seus condomínios e não sejam capazes de conhecer a realidade de seus vizinhos. A hipocrisia é responsável pelas barbáries que vivemos. As pessoas hoje são tão hipócritas quanto ignorantes, aliás, até acho que elas, em alguns casos, sejam irmãs gêmeas.

Curiosidade 04: Vale tudo?

5- No escurinho

*“Juan y el Sr. Berenguer (Gael G. Bernal y Lluís Homar) entran en un cine para matar el tiempo, después de haber matado a alguien. La tarde se ennegrece por tres razones: el cielo amenaza tormenta y el cine donde recalcan los dos personajes proyecta dos joyas del noir francés, “La bête humaine” (Renoir) y “Thérèse Raquin” (Marcel Carné), ambas basadas en novelas de Zola. Las dos películas entrañan situaciones parecidas a la de la pareja de hombres que las están viendo, en espera de que caiga la noche mediterránea. Al salir de la sala, el Sr. Berenguer se queja desolado: “Es como si todas las películas hablaran de nosotros”. (La gran pantalla como espejo de los espectadores. (Almodóvar) <sup>15</sup>*

---

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68914.shtml#almodovar>. Acessado em 11/11/2007

<sup>15</sup> Comentários de Almodóvar no site do filme “Má Educação”. Disponível em: <

[http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/malaeducacion/comentarios\\_refugio.htm](http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/malaeducacion/comentarios_refugio.htm)>. Acessado em 11/11/2007

Acho que o cinema é um recurso de aceitação social. Digo isso no sentido de que no escuro é quase tudo possível. Nas salas de cinema as pessoas são o que a imaginação delas a possibilita ser. Quando tudo se apaga você é convidado a entrar em um mundo desconhecido, nos seus sonhos. Duvido que alguém não tenha se sentido dentro do filme, não é? Ou tampouco que aquela história representa um pouco de você.

Se o cinema, ou melhor, se o filme não fosse uma parte da qual se identificam elas não diriam qual é o seu filme predileto. Nós só nos identificamos com algo que nos é ou muito real, ou algo que seja nosso desejo de ser.

No escurinho do cinema acontecem coisas que as pessoas, talvez, não conseguissem fora dele. Os primeiros beijos, o pegar na mão, os choros compulsivos, as gargalhadas, ali só existe você e a tela, você é capaz de interagir com tudo o que lhe é mostrado, você suspira, grita, fica bravo, tenso... é a total entrega ao mundo imaginário.

Curiosidade 05: O que você já fez no cinema?

6- Fuego

Você diz que a essência do filme é a paixão, da obsessão à loucura.

Sempre tive comigo que a paixão era um sentimento no qual eu sempre teria o maior zelo do mundo. Não iria me apaixonar, não iria ter um encontro de paixão a primeira vista. Um sentimento que você não controla é capaz de te enlouquecer quando mal intencionado. Mas a paixão não tem só seu lado negativo, é um dos sentimentos mais quentes, mais avassaladores, mais impulsores e que te mostra em rosa, vermelho, púrpura, um arco-íris de possibilidades de viver e de amar.

Acho que seria em vão descrever as possibilidades da paixão. São tão íntimas, tão difíceis de entender. A paixão é crime?

O sinônimo amar enlouquecidamente nada mais é do que uma paixão descontrolada que nos impulsiona a atos extremistas, e que, ao mesmo tempo, serve de desculpa para as loucuras do ato de amar.

Curiosidade 06: Quais são suas possibilidades de paixões?

“En “La mala educación” le femme fatal es un enfant terrible, el personaje interpretado por Gael García Bernal, que sigue al pie de la letra los ejemplos de Barbara Stanwyck, Jane Greer, Jean Simmons (Angel Face), Joan

Bennett (Scarlet Street), Ann Dvorak, Mary Windsor, Lisabeth Scott, Veronica Lake y tantas otras maldiciones en forma de mujer” (Almodóvar)<sup>16</sup>

Enfim. Desculpe-me pelos questionamentos e pela falta de “tato”, não quero questionar sua autobiografia, se você já disse que é, quem sou eu para questioná-lo ou fazer algum tipo de interseção entre vida e obra.

Só queria que você soubesse que considero esta obra a sua melhor, não por ser autobiográfica, mas por ter uma linguagem suja, um confronto central que confunde e te leva a horas de reflexão. Pelos diálogos tão bem intencionados, por mostrar uma ditadura social, uma hipocrisia católica, os costumes, a ingenuidade, a generosidade, o medo, a raiva e por conseguir mostrar que a paixão não é só um sentimento do lado direito do coração, ela pode ser carnal e devassa também.

É um filme único e exclusivamente feito pelo o que chamo de um jeito *a lá* Almodóvar.

*Quando eu sou boa eu sou boa  
mas quando eu sou má eu sou melhor ainda.*

*Mae West*

**Besos...**

---

16 Comentários de Almodóvar no site do filme “Má Educação”. Disponível em: [http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/malaeducacion/comentarios\\_fundido.htm](http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/malaeducacion/comentarios_fundido.htm). Acessado em 11/11/2007

**SEXTA CARTA**

De: patriciacustodio@lostacones.com

Data: 12/11/2007

Para: almodovar@allmodovar.com

Assunto: Intimidade

Meu diário poderia fazer parte do seu diário?

“Este diario es un monólogo a voces”. (Almodóvar)

Estou neste exato momento estabelecendo e observando o “*Diário de rodaje de Volver por Pedro Almodóvar*”. Começo com uma deliciosa viagem por “*Buenos días tristeza... Mi mundo cayó*”, fico com os pêlos arrepiados, pois me sinto neste lugar, não na tristeza, mas nas palavras que me guiam até a última cena de “*Volver*”. Parece que, pela primeira vez, me encontro com você nesta história.

Você pode achar que o que te direi agora é mentira, mas durante esses sete dias selecionei entre vários artistas, a discografia que achasse que me serviriam de inspiração, ou um barulhinho bom para as minhas cartas, e entre eles encontra-se Maria Bethânia, coincidência? Acho que não, acho que nesses sete dias criamos um elo de sintonia, talvez você ainda não tenha percebido, mas estamos unidos pelo simples fato do olhar, do ouvir, do sentir e do se entregar.

Bom dia tristeza  
 Que tarde tristeza  
 Você veio hoje me ver  
 Já estava ficando  
 Ate meio triste  
 De estar tanto tempo  
 Longe de você  
 Se chegue tristeza  
 Se sente comigo  
 Aqui nesta mesa de bar  
 Beba do meu copo  
 Me dê o seu ombro  
 Que é para eu chorar  
 Chorar de tristeza  
 Tristeza de amar

(Bom Dia Tristeza de autoria de Adoniran Barbosa e Vinicius De Moraes na voz de Maria Bethânia no CD Que falta você me faz - 2005)

Não seria essa a minha música para essa carta, talvez para

seguinte, mas esta música me conforta porque vejo nela um artista que entende a tristeza como uma passagem, um estado de “estar”, é ela que inspira e que impulsiona e que nos faz entender que tudo o que criamos tem um começo, um meio e um fim.

*“La música. Para mí encontrar un álbum que me conmocione, (o un libro) es tan fuerte e importante como encontrar un buen amigo. Este año he descubierto a Antony and the Johnsons, Cat Power, Nouvelle Vague, Feist, Rufus Wainright, Julien Jacob, CocoRosie, M. Ward y redescubierto mis clásicos brasileños (Elis Regina, Maysa Matarazzo, Tom Zé, la familia Gilberto y la familia Veloso, etc. Jobim y Mina siempre). Los recomiendo a todos ellos. No puedo soñar mejor compañía que la que esta música me ha deparado en los viajes de ida y vuelta a los estudios donde rodamos.”<sup>17</sup>*

Minha discografia é composta por um impulso de sentimentos, elas me traduzem como sou, como me imagino, sonho, o que visto, como, meu humor, meus medos, amores, recordações e também são capazes de me tirar da cama e me fazer dançar sem pensar. Há alguns anos a música vem entrando em minha vida de uma maneira tão simples que comecei a olhá-la como um pedaço de mim.

Ela só não me fascina tanto quanto o cinema e o teatro. Esses sim são capazes de me tirar do chão, me fazem cometer loucuras, me completam como um ser humano.

*“Mi cuerpo llega al estudio mientras mi alma vaga todavía por mi casa o viene de camino”.<sup>18</sup>*

O ato de sofrer está sempre presente em seus relatos. Tudo o que os filmes refletem são parte de você (vida), suas feridas e história... o seu existir no mundo. Não sei se estou errada, mas com todos os artistas que conheço existe essa necessidade do sofrer para a coisa acontecer. Engraçado isso, porque em minha primeira carta eu estava conversando com alguém sobre o assunto, o sofrer como forma de arte, o aumento dos problemas, a dramatização, as encenações, tudo isso faz com que o artista se sinta forte para criar. Vejo como se fossem parideiras sempre a postos e prontos para o momento da concepção. Eu gosto disso! Em meus primeiros trabalhos no teatro experimentava essa dramatização da criação, hoje não me meto tão a fundo neste jogo, aprendi que criar também pode ser um simples ato

<sup>17</sup> Diário de bordo do filme “Volver” no site oficial de Pedro Almodóvar. Disponível em:< <http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/esp/diario06.htm>>. Acessado em 12/11/2007.

<sup>18</sup> Diário de bordo do filme “Volver” no site oficial de Pedro Almodóvar. Disponível em:< <http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/esp/diario07.htm>>. Acessado em

como andar, basta querer, deixar fluir e dar o seu devido tempo. Mas ainda prefiro o meio termo, alguns dias sofrendo e depois desfrutando do prazer que é criar.

“Volver” significa, para mim, alguns minutos de silêncio. As relações familiares sempre me foram de cor cinza, como um vácuo ou um mistério a ser desvendado no decorrer de minha vida. O jogo entre vida e morte, os fantasmas que existem em nossos pensamentos e em nossas vidas. É muito fácil se identificar com os personagens do filme, se sentir íntimo deles. É como se elas fossem nossas vizinhas e, essa história, mais uma daqueles que comentamos debruçadas na janela.

Acredito que de todos os filmes, esse é mais comercial. Aquele em que se pode sentar, relaxar e gozar das imagens e do enredo, um filme que meu pai e minha mãe assistiriam e não ficariam tão tensos após o término. Uma linguagem mais *light*.

Trabalhar com as relações familiares sempre são prazerosas, acho que todo mundo se identifica com o que está vendo. Se essa for a proposta, ok, você a fez com maestria. Isso já seria um reflexo do seu amadurecimento?

“A gordura. (risos) O fato de engordar e o passar do tempo, que vão de mãos dadas. O tempo passa, e você vai engordando. Esses dois elementos me converteram numa pessoa mais madura e quase sombria. (risos) Você amadurece por causa da acumulação do tempo, o que não quer dizer que você seja mais esperto. Você simplesmente sabe mais sobre você mesmo e sobre o seu redor. Acho que isso se percebe no meu trabalho”<sup>19</sup>

Acho engraçado quando você diz que o amadurecimento te deixou mais gordo. Não acho que o amadurecimento te deixou mais gordo, acho que seus anseios o deixarem mais gordo, a sua (des)preocupação o impulsiona a viver uma ansiedade diferente.

Será que o amadurecimento me fará ganhar mais quilos? Não posso acreditar nisso!

Durante essa nossa semana, estive acompanhando uma novela aqui no Brasil e por achar que “Volver” é um filme com um enredo muito parecido com novela, resolvi te comparar com ela.

O nome da novela é “Da cor do pecado”. Já foi exibida, porém, agora está sendo reprisada. O que me leva a dizer que vocês se assemelham é o simples fato de que em ambas existem personagens que fingem que morreram para

<sup>19</sup> Almodóvar/ NY em entrevista para Revista cinema do site UOL. Disponível em:<  
<http://www2.uol.com.br/revistadecinema/edicao31/almodovar/index.shtml>>. Acessado em 12/11/2007

ocultar o passado, fogem das relações familiares, fingem ser o que não são, ocultam o passado para tentar consertar o futuro. Todavia, a novela trabalha com o balanço entre o abuso do humor absurdo e a dramatização dos conflitos centrais, já no filme, que tem uma linguagem mais forte, existe apenas um conflito dramatizado, mas é mais bonito em suas relações. (Assim como o cinema deve ser).

Porém não a considero tão almodovariana assim. Ela pouco me surpreende, apenas é uma linda história de perdão, amor, ilusões, mentiras, traições e vingança, ou seja, tudo o que uma mãe e mulher seria capaz de fazer para proteger os seus filhos e a si mesma.

Despeço-me aqui cheia de alegrias e extremamente satisfeita, pois, em minha penúltima carta consegui encontrar-me com você. Consegui ver seus sentimentos fora da obra, consigo ver um Almodóvar na plenitude de existir, de sofrer, de amar, de se entregar. Talvez eu até devesse repensar em minha primeira carta já que é nela que o comparo com a autenticidade e despudor de Mário Bortolotto, mas aqui está a prova de que você é tão desarmado quanto ele, são totalmente artistas, seres humanos passíveis de sentimentos, porém, como o e-mail já foi enviado e *verba uolant, scripta manent*.<sup>20</sup>..

Obrigada pelo diário de bordo, obrigada pelo simples fato de tê-lo escrito.

**Te quiero mucho...**

Besos

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De: patriciacustodio@kika.com

Data: 12/11/2007

Para: almodovar@allmodovar.com

Assunto: Sete Dias

Hola amigo! Como estas?

Começo aqui minha última carta. Essa carta será mais breve, mais sucinta, mas a minha e a sua cara. Poucas palavras e mais ações.

<sup>20</sup> "As palavras voam e os escritos permanecem". Disponível em: [http://www.direitonet.com.br/dicionario\\_latim/x/98/11/981/](http://www.direitonet.com.br/dicionario_latim/x/98/11/981/). Acessado em 27/11/2007

Durante esses sete dias pude desvendar uma parte do grande Almodóvar. Sei que nunca vou compreendê-lo inteiramente como artista, ser humano e cineasta, mas pelo menos hoje posso dizer que conheço uma pequena parte de você.

Quando comecei essas cartas, meu principal objetivo era descobrir, ou melhor, desvendar o que dizem ser uma obra almodovariana. Sete dias de olhares e ouvidos abertos e muito atentos. Sete dias em que eles foram capazes de, muitas vezes, se desprenderadas armadilhas convencionais, dos clichês, dos preconceitos e das visões pré-estabelecidas.

Nesse meu monólogo consegui registrar e me surpreender com um Almodóvar que vive e viveu para sua obra. Vida e experiências não são apenas fonte de inspiração para o roteiro, mas são como um espelho de sua Espanha também.

Despeço-me aqui de você extremamente satisfeita pelo que meus olhos me mostraram e me ensinaram. Hoje, posso dizer que você é, sem sombra de dúvidas, a minha referência de um artista em sua totalidade. Não é um Almodóvar *kitsch/brega*, mas sim um diretor, produtor, cineasta, roteirista que, por conhecer o verdadeiro sentido do que é criar, liberta para as inúmeras possibilidades do que é a arte. Seu cinema é despretenso com uma linguagem real e possível. Seu universo não é apenas fictício, tudo é possível, impossível e absurdo para Almodóvar.

É uma obra de Almodóvar para um *Allmodóvar!*

Nos encontraremos nas próximas cartas. Até breve

**Te quiero mucho.**

Besos

## REFERÊNCIAS

Tirard, Laurent. **Grandes diretores de cinema**. Segunda Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira s.a, 2001.

Filmes de Pedro Almodóvar.  
*Todo sobre mi madre* (1999)  
*Hable con ella* (2002)  
*La mala educación* (2004)  
*Volver* (2006)

Site oficial de Pedro Almodóvar: Contracultura. Disponível em <http://www.clubcultura.com/clubcine/clubcineastas/almodovar/index.htm>

Site Lutosana. Disponível em <http://www.lustosa.net/noticias/16157.php>

Site da produtora de Almodóvar El Deseo. Disponível em <http://www.egeda.es/eldeseo/eldeseo.asp>

Site da revista Contracampo. Disponível em <http://www.contracampo.com.br/>

Site de busca de conteúdo Wikipédia. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal)

Site de busca Google. Disponível em <http://www.google.com.br/>

Artigo científico de Cláudio Cardoso de Paiva\_ Universidade Federal da Paraíba. Disponível em <http://bocc.unisinos.br/pag/paiva-claudio-cinema-espanhol.pdf>

Site Folha On-line. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68914.shtml#almodovar>

Revista cinema/ domínio UOL. Disponível em <http://www2.uol.com.br/revistadecinema/edicao31/almodovar/index.shtml>

Site Tânia Menai. Disponível em [http://www.taniamenai.com/folio2/2004/11/pedro\\_almodovar.html](http://www.taniamenai.com/folio2/2004/11/pedro_almodovar.html)

Site Caderno Pagu. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332004000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200014)

Site Zeta Filmes. Disponível em <http://www.zetafilmes.com.br/interview/pedroalmodovar.asp?pag=pedroalmodovar>

Blog Estadão/ Daniel Piza. Disponível em [http://blog.estadao.com.br/blog/piza/?title=almodovar\\_degustacao&more=1&c=1&tb=1&pb=1](http://blog.estadao.com.br/blog/piza/?title=almodovar_degustacao&more=1&c=1&tb=1&pb=1)

Diário On-Line UOL. Disponível em <http://www.diarioon.com.br/arquivo/3707/lazer/lazer-6678.htm>

Dicionário Michaelis. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/>

















